

ISSN: 1º Volume.  
DOI: 10.5281/zenodo.7271994  
<https://www.ceala.org/revista-ceps-primeira>

Recebido: 21/10/2022.  
Aceito: 30/10/2022.  
Publicado: 14/12/2022.

Como citar:  
PEDRÃO, F. Ideologia, alienação e estranhamento na ordem ultramoderna. *R. CEPS. Pesq. Econ. e Soc.*, v. 1, n. 1, dez./mar., 2022.

Autor correspondente:  
PEDRÃO, F. E-mail: [fernandopedrao@gmail.com](mailto:fernandopedrao@gmail.com)

# Ideologia, alienação e estranhamento na ordem ultramoderna

Fernando Cardoso PEDRÃO<sup>1</sup>

Doutor em Economia. Professor Titular aposentado da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

## RESUMO

Ideologia e alienação constituem a polaridade interativa das relações de produção e indicam como procede o sistema em sua combinação de eficiência e controle social.

**Palavras-chave:**  
Ideologia.  
Alienação.  
Atraso.  
Estranhamento.

## RESUMEN

Ideología y alienación constituyen la polaridad interactiva de las relaciones de producción e indican cómo procede el sistema en su combinación de eficiencia y control social.

**Palabras clave:**  
Ideology.  
Alienation.  
Underdevelopment.  
Estrangement.

## ABSTRACT

Ideology and alienation constitute the interactive polarity of production relations and indicate how the system proceeds in its combination of efficiency and social control.

**Keywords:**  
Ideology.  
Alienation.  
Retraso.  
Asombamiento.

## 1 APRESENTAÇÃO

A questão do eixo ideologia-alienação é um desafio para o Brasil de hoje onde o processo de formação de classes saiu dos padrões de classes definidas por indústria em sociedade privada para classes definidas pela polaridade público/privado e pela expansão de um terciário multifacético acolhedor do desemprego sistêmico. A sociedade brasileira se debate entre uma consciência de classe fragilizada pela dependência de um Estado controlado por sistemas de interesses espúrios e com um setor privado desnacionalizado dependente de uma demanda retraída.

As relações capitalistas de classe que sustentam ideologias estão cruzadas com relações de dominação de um complexo sistema de apadrinhamento do Estado. Esse panorama aparentemente anárquico na verdade expõe uma ordem da

reprodução da dominação que assume formas espúrias não legais mas funcionais à reprodução da dominação interna.

## 2 A QUESTÃO IDEOLÓGICA NO MUNDO MODERNO<sup>2</sup>

A questão ideológica sempre esteve na formação da civilização, sob formas míticas e religiosas, ganhou formalizações racionais nos modos políticos gregos e romanos e tornou-se parte dos conflitos políticos dos sistemas monárquicos modernos. O próprio conceito de ideologia precisa ser esclarecido, entre uma visão idealista de ideologia como projeção de uma interpretação do mundo, ou uma visão materialista que a vê como um conjunto de práticas significantes. No jogo oscilatório entre aristocracia e burguesia assumiu formas de representação de interesses, com uma linguagem dúctil de uma ideologia formal e outra efetiva, usadas como mecanismos de defesa de privilégios. No mundo

<sup>1</sup> Possui ampla experiência como professor universitário e experiência internacional como técnico nas Nações Unidas: Economista Principal e Chefe da Divisão de Economia do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), diretor internacional de programas de cooperação técnica nas áreas de planejamento, projetos, políticas públicas e planejamento urbano e regional no México e Equador; Consultor da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) para programas de desenvolvimento nos países do Caribe, atuando nos seguintes temas: desenvolvimento econômico, política econômica regional, economia política, meio ambiente e economia energética. (Texto informado pelo autor).

<sup>2</sup> Na copiosa literatura sobre ideologia destaca-se como síntese o trabalho de Terry Eagleton *Ideologia* que oferece uma visão progressiva do contraponto ideológico efetivo sob discursos da vida política. Por considerar o contraponto básico entre ideologias de dominação e de rebeldia torna-se necessário explorar a dialética entre ideologias do poder e do contrapoder, basicamente dos povos emergidos da colonização.

da desigualdade social do capitalismo, em que se confrontam ideologias representando interesses opostos, o vetor ideológico é parte essencial da turbulência da vida moderna.

### 3 O COMPONENTE IMATERIAL DA VIDA HUMANA

A vida social se compõe de um componente material visível organizado no cotidiano; e outro componente imaterial invisível que dá o significado do mundo material. O imaterial se divide entre o imaterial imediato consistindo em emoções e valores; e um componente durável, consistindo em crenças que se consolidam em uma esfera sagrada de produção de deuses e uma esfera profana de ideologias, que, finalmente, são uma internalização de valores socialmente processados. O componente invisível compreende uma parte organizada na esfera do consciente; e outra submersa, na esfera do inconsciente. O mundo humano produz ideologias do mesmo modo como produz técnicas agrícolas e como faz a mutação de vida dispersa no mundo da natureza para a vida concentrada em cidades. Em uma visão plenamente histórica as ideologias são parte da vida social como vestuários e hábitos alimentares.

### 4 A PRODUÇÃO SOCIAL DE IDEOLOGIA

Como disse Marx as ideias dominantes são as da classe dominante que representa os países dominantes. Mas elas se defrontam com as ideias dos dominados que representam as diversas formas de luta contra a dominação. A questão da ideologia tornou-se central na polêmica sobre o choque entre imperialismos e entre nações aderentes à luta mundial sobre poder, quando se desmistificam os motivos do jogo do poder. Para tratar de modo significativo o tema da ideologia é preciso transcender os espaços de experiências nacionais, expondo a universalidade que há sob elas.

Há uma questão ideológica geral da América Latina, que carrega as diferentes combinações etnoculturais geradas pelos sistemas de colonização. As ideologias desigualmente reflexivas indicam diferentes condições de classe. Para investigar sobre o Brasil é preciso começar por reconhecer que a experiência brasileira é parte dos movimentos contraditórios da civilização ocidental com seus diversos componentes etnoculturais, em sua correspondente significância. A produção e as transformações de ideologia são parte de movimentos de produção social que envolvem engajamento de pessoas individualmente e por meio de classes e de estamentos sociais.

A produção social é ativada por motivos materiais diretos como fome e frio; e por motivos indiretos subjacentes de poder, representando mobilização de interesses. Junto com resultados materiais há sedimentações imateriais que são ideologias, desde aquelas simplesmente intuídas até as processadas de modo reflexivo por filtros culturais. A produção social de ideologia é a formulação subjetiva de modos generalizados de relações, onde se formulam representações de identidade de grupos e classes.

As sociedades antigas de lenta mutação geraram ideologias estáveis como as das aristocracias, que foram corroídas pela aceleração das relações sociais promovida pelas sociedades mercantis em sua prioridade de troca antes que de produção e em sua substituição de privilégios por interesses. Assim,

precarização da vida social impelida pela aceleração da economia gerou ideologias burguesas transitórias, solapou as identidades, fragilizou as individualidades. Na reviravolta social acionada pela monopolização do capital, o campo da ideologia tornou-se um espaço de conflito entre ideologias de dominação consentida e ideologias de dissensão que podem simplesmente manipular rejeição ou insurreição. Os movimentos de resistência à ditadura, no Brasil, na Argentina, partiram de dissensão ideológica.

### 5 OS COMPONENTES MATERIAIS E IMATERIAIS DO PROGRESSO CONFLITIVO

A sociedade moderna é produto de movimentos conflitivos de superação em modos de organização personalizados e despersonalizados, em formas tribais e imperiais, com derivações em cidades Estado e Estados nacionais, sob pressões imperiais que chegaram ao imperialismo moderno com suas derivações em autoritarismos subalternos. Mas não é um processo linear e gera suas próprias contradições, dando lugar a uma dialética universalizada do conflito, que busca formas de organização que lhe permitam subsistir. A autofagia do imperialismo hoje, plenamente exposta na Europa, onde os impérios coloniais arcaizados dão lugar a uma subalternidade insustentável, expõe o fundo ideológico do imperialismo, que precisa de nações subalternas para se reproduzir. Revela-se o perfil universalizado da dialética da ideologia, onde a necessidade de oprimir do imperialismo resulta em seu isolamento com sua internalização de crise, como agora acontece com os Estados Unidos, preso em sua própria arcaização ideológica.

Assim, esta ultramodernidade opera entre a autofagia operacional, conseqüente de modelo de usos de recursos que não tem; e o imobilismo ideológico que vai a par da estagnação econômica, que são sinais do ocaso, em que a autorreprodução tecnológica se separa das necessidades orgânicas da reprodução do império. As renúncias de ministros e as contramarchas da política econômica apontam a erupção da decadência protelada do Reino Unido e a queda inesperada da Alemanha.

Esse movimento se desdobra ao sistema de dependência em que surgem reações conservadoras nacionalistas como defesa da expansão do imperialismo, ressuscitando teses que já foram das esquerdas regionais. A direita recrudescer como emanação contraditória do imperialismo, em conflitos de interesse do bloco euro-americano.

### 6 O SUBSTRATO IDEOLÓGICO

O reconhecimento de um substrato ideológico descobre uma questão básica sobre motivos, que expõe a diferença entre motivos imediatos, como de renda para sobreviver; e motivos mediatos, que vão desde interesse pelos filhos até interesse por uma coletividade nacional. Essa divisão foi exposta nas revoltas contra o absolutismo e pela Revolução Francesa. O papel da ideologia na sociedade moderna é um dos maiores achados do fim do absolutismo francês – Destutt de Tracy – que descobre o fundo imaterial da produção material. Na história da desigualdade social do capitalismo moderno as ideologias se dividem entre as que representam os sistemas de poder repressores instituídos e as que procuram reduzir desigualdades e promover progresso social. O essencial é que

as ideologias refletem o mundo da realidade, portanto, que se desenvolvem sobre situações concretas de classe.

Ideologia é atributo de civilização e aparece primeiro no Mediterrâneo oriental, desde a civilização minoica. Novos achados sobre a civilização minoica fazem recuar a cultura grega para antes do que já reivindicava Jean Pierre Vernant<sup>33</sup>. As ideologias são fruto de experiências de sobrevivência que envolvem uso de meios materiais e formas de organização. São sempre produto de coletivos que se organizam para perenizar a sobrevivência. Por isso criam tradições que são mecanismos de repetição, tendentes a criar classes sociais. O desenvolvimento de um pensamento reflexivo depende sempre das condições privilegiadas de um estrato social capaz de ter uma visão de conjunto dos processos sociais. Por isso, ideologia é sempre coisa de alguma elite.

Neste estudo apresentam-se os fundamentos materiais das ideologias em sua situação histórica e em sua relação interativa com o desenvolvimento da civilização material moderna. Os fundamentos ideológicos iniciais da produção material moderna surgiram no âmbito das principais religiões, a cristandade e o islamismo, em que as mutações ideológicas do lado cristão ensejaram a produção capitalista. Esta se nutriu da dialética entre a reprodução da aristocracia representante do modo feudal e a burguesia representante do capital urbano. A produção mercantil burguesa realizou a operação básica de controle da terra por meio de sua aliança com as monarquias e o absolutismo, conseguindo aí as bases do autoritarismo que sustentou o colonialismo. Não se encontrarão explicações satisfatórias do colonialismo sem essa referência do processo europeu. Assim, é a ideologia do capital mercantil que responde pelo movimento geral de modernização que junta o princípio feudal da grande propriedade rural com o controle das rotas de comércio.

Serão revoluções tecnológicas administradas por esse sistema que realizarão a passagem da grande produção artesanal para a manufatureira e para a produção fabril. Serão fusões da modernização rural com as das manufaturas que farão a diferença. A civilização material se fez, portanto, pela socialização de práticas urbanas sustentadas por revoluções da produção rural e progrediu sobre sucessivas expansões da fronteira agrícola, primeiro na Europa, depois nos Estados Unidos e hoje nos dois movimentos de aprofundamento da fronteira nos Estados Unidos e na Rússia e de extensão na América Latina, especialmente no Brasil e na Argentina. A relação essencial entre fronteira agrícola, como representativa da produção de carnes e cereais e produção urbana, industrial e de serviços, continuou sendo essencial no capitalismo que desenvolveu uma complexa produção industrial de alimentos com objetivos próprios de mercado, apoiada no controle da produção rural, mas dependente de resultados agrícolas<sup>4</sup>. Estes agora se dividem entre objetivos de produtores e de agronegócios integrados ao sistema de capital financeiro. Mas a relação essencial se realiza com a consolidação de um grande setor de capital sustentado pela propriedade fundiária. A articulação da produção rural com a urbana se realiza por meio da bolsa de valores, pelo que se torna necessário considerar o peso determinante dos países demandantes de produtos rurais que hoje predominam na configuração da demanda mundial. São diferentes condições de demandantes,

desde os produtores islâmicos de petróleo até o principal comprador que é a China.

Há, portanto, uma ideologia mercantil subjacente no sistema mundial de produção industrial que avança pela precarização emprego até a precarização das empresas que subsistem por aprofundamento da exploração em mercados em contração. O sistema tornou-se mais destrutivo, encurtando a vida útil das mercadorias e apagando empresas que são marginalizadas em mercados locais. Os sistemas em teia de aranha de redes comerciais ganham capacidade indutora de produção, criando monopólios pelo controle do consumo. É mais importante vender que produzir e se criam sistemas internacionais de consumo que utilizam redes de serviços por grupos de renda, como é o caso da mundialização da oferta por turismo. O turismo é um modo de consumo que começa com a mercantilização de bens livres e explora o negativo da civilização material que é o uso de tempo por parte dos trabalhadores.

## 7 IDEOLOGIA COMO IDENTIDADE

Ideologia em geral é uma consciência da vida prática que se processa como valorização do trabalho. É algo que vale para artesãos e para intelectuais e distingue o trabalho profissional do amador. No essencial, a modernização se faz por meio de uma valorização do trabalho que se socializa como distinção de classe. Foi assim para a cavalaria que se tornou aristocracia, tanto como para a mecânica de automóveis. Não há civilização sem valorização do trabalho nem há exército de reserva em geral.

A alienação dos trabalhadores no capitalismo na fase do capital industrial criou um estrato de trabalhadores semiquualificados sem acesso a especialização que passou a constituir o corpo de trabalhadores sem meios suficientes para qualificação, que estão condenados a serem explorados como não qualificados, submetidos à mediocridade da comercialização da educação. No funcionamento da atual sociedade do capital, em que o trabalho é um custo a ser reduzido pelas empresas e pelo governo, esse trabalho desqualificado é candidato virtual ao desemprego. Assim como desaparecem compromissos de regularidade no contrato de trabalho os trabalhadores de baixa qualificação efetiva são expelidos dos empregos produtivos e são relegados a uma informalidade defensiva. A análise do emprego se transforma em análise da esfera da informalidade com sua complexidade e suas regras de reprodução.

A consciência do significado social da informalidade fomenta a reação que se mostra no antivalor da contravenção, ou da hostilidade de classe exposta que instiga a apropriação de todas as formas possíveis. Revela-se plenamente o fundamento de classe das ideologias, do qual derivam religiões defensivas e formas de comunidade que tentam sobreviver ao capitalismo negando sua existência. Mas é uma exploração insidiosa que avança pelo controle das massas desempregadas na proliferação de religiões sem teologia.

<sup>33</sup> Jean Pierre Vernant. *Origens do pensamento grego*. 1983.

<sup>4</sup> Os agronegócios são uma parte da cadeia do grande capital no campo que continuam limitados pelas carências das estruturas comerciais dos países exportadores.

## 8 IDEOLOGIA COMO ESTÉTICA DA LIBERDADE

A atividade humana tem um componente de opressão ramificado em sistemas de poder desde o familiar até o nacional e opera sobre a contraposição entre obediência e liberdade. Ao longo do tempo esse processo se desenvolve sobre um fundo cultural que contém um componente de racionalidade e outro de irracionalidade. Essa duplicidade, que foi descoberta na Renascença por Petrarca, tem um componente negativo destrutivo, que é o lado repressor da civilização, e um lado positivo que é estético, que se desenvolve como sublimação do cotidiano, que evolui desde as pinturas rupestres até a arquitetura ática, que se separou do cotidiano, até a pintura de Caravaggio e a escultura de Michelangelo que descobriram o fundo cósmico da civilização. A estética se torna o viés de independência que reage surdamente aos sistemas ideológicos do poder. O fundo estético é a sublimação da consciência utilitária, descobrindo a liberdade como gratuita. A liberdade estética das formas sociais utilitárias, seja, o ideal do belo independente do objeto, aponta a possibilidade de uma ética da liberdade.

## 9 ALIENAÇÃO

### 9.1 A produção social de alienação

A corrosão das identidades causada pelo desmonte da sociedade tradicional no vazio da burguesia subalternizada deu lugar a processos complexos de alienação, resultando em desvalorização das elites dependentes e em impugnação ideológica dos setores sociais de baixa renda. Os populismos primitivos que proliferaram na América Latina, que cooptaram classes médias para novas formas de conservadorismo modernizado, foram acionados por movimentos sutis de alienação generalizada, insuflados por sistemas de comunicação aparelhados pelo grande capital. Encontra-se, portanto, que são processos de alienação que se expandem e aprofundam, que ganham legitimidade em políticas defensivas, tornando-se uma cooptação das ideologias do desenvolvimento. Processos que se reproduzem como individuais tornam-se fatores da dinâmica do atraso. Trata-se, de fato, de descobrir os processos de alienação que paralisam as políticas nacionais de desenvolvimento.

### 9.2 Os processos específicos de alienação

O componente imaterial do movimento geral de modernização compreende a produção social de ideologia e seu anverso que é a produção social de alienação. A sociedade produz as ideologias que correspondem aos interesses fundados no controle da riqueza e produz a alienação que se desenvolve como a falsa representação de interesses que resulta em relações de classe externamente controladas. O Brasil tornou-se um exemplo de capitalismo tardio em que prevalece um componente superior de classe dominante diluída e internacionalizada em contraponto com classes organizadas pela exploração e com mobilidade negativa. A progressão dos modos de dominação no Brasil adiantou a alienação como movimento que alimentou uma falsa relação de classes conduzida pela aliança entre o bloco dominante, fundado em relações de subalternidade às potências hegemônicas, e o Estado construído como aparelho de controle social. O sistema político se enraizou como sistema de opressão dotado da capacidade de outorgar falsas vantagens cujo verdadeiro

significado é conter a pulsão revolucionária. O grande mecanismo político é o controle da alienação, que é uma função exercida pela mídia controlada pelo grande capital.

A grande virada do século marcou uma mudança no sistema mundial de poder, que denota a substituição da supremacia do mundo ocidental por uma nova pluralidade encabeçada pela supremacia da China e a consolidação de um bloco eurasiático. É um movimento original, primeiro porque vem com nova liderança tecnológica, segundo porque conduz o maior mercado do mundo e em contínua irradiação; e terceiro conduz novas alianças com os demais continentes. Esse grande movimento engloba uma revolução material em manejo de recursos e uma revolução ideológica, porque expõe a perda de relevância das teorias novecentistas do capitalismo com o mundo da aliança do capital monopolista privado com o Estado controlador. Atinge a sociologia funcionalista e a economia marginalista que se tornou uma dependência cartorial do sistema estatal. Em um mercado sustentado pela demanda pública, direta e indiretamente bélica, não há lugar para análises derivadas do marginalismo nem da teoria positiva do capital.

A invalidação dos aparelhos teóricos do positivismo arrasta uma crítica dos valores, portanto, do fundamento ideológico da teoria social. Torna-se necessário discutir ideologia como artefato de poder. A rejeição ocidental à perspectiva histórica encobre uma opção por um naturalismo – Michelet, Carlyle até Braudel – que justifica uma hegemonia europeia seletiva. É o projeto de poder dos países do Mar do Norte, que realizaram a passagem do capital mercantil para o capitalismo fabril. Assim, o descobrimento do bloqueio do sistema estabelece o papel da ideologia na dialética da relação entre o capital monopolista financeiro e o Estado imperialista belicista. A ideologia passa a ter que ser vista como uma força social ativa com as conotações de culto do progresso material e de alienação.

A atual ruptura do sistema de valores da civilização ocidental, que implica em revelação de sua duplicidade, instiga uma reflexão que contrapõe a real pluralidade e a progressiva complexidade do mundo social à simplificação deliberada das explicações aduzidas pelo sistema de poder.

A percepção histórica da civilização em sua variedade formal e em sua essência unitária descobre a realização de força essencial na produção social de entendimento, isto é, expõe a dinâmica ontológica da relação entre quantidade como repetição e qualidade como diferença. Esses dois planos não se excluem no mundo real, mas sua sobreposição está condicionada pela realização histórica da civilização. Civilização vem a ser o sistema de poder em expansão que se defronta com suas próprias contradições. Todos os pensamentos e todas as ações são parte de civilizações específicas e carregam um significado historicamente situado. A historicidade subjaz nos cotidianos; e a consciência da profundidade histórica é inerente aos modos aparentes de agir, cujo sentido está sempre além dos motivos imediatos.

A expressão material da vida social surge de um mundo de ação que se afirma por meio de repetição, exprime um substrato ideológico, gera formalizações institucionais e reflexões. E constitui uma esfera prática com sua própria dinâmica, que produz consumo se alimentos e de ideias. A produção social de ideologia progride em contraponto com a

produção material e altera os valores dos componentes materiais e imateriais<sup>5</sup>.

A substância ideológica gera modos de expressão que são linguagens representando experiências acumuladas no cotidiano e sua síntese na produção social de conceitos. No essencial todas as linguagens são sínteses ativas de experiências sociais e seus símbolos estão carregados de significado. Assim, encontram-se movimentos concomitantes da superfície prática do cotidiano que revertem em produção ideológica. Tais movimentos se dividem no mundo da ideologia entre formalizações e mistérios; e movimentos do fundo conceitual que passam à esfera ativa, onde, por sua vez, se dividem entre mecanismos da esfera de poder e reflexões transcendentais<sup>6</sup>. No essencial há uma relação ontológica entre ser, pensar e agir, como viu Parmênides, que gera os modos civilizatórios. A civilização suplanta a visão indeterminada do ser, sujeito humano parte de sociedades definidas, impõe uma visão de sujeitos existentes, em tensão entre individualidade e coletividade. Foi a tensão descoberta pelo existencialismo, entre a dialética em Sartre e o niilismo de Camus.

A visão histórica antropológica explica porque as religiões, que são codificações ideológicas, têm formas externas de ritos e modos internos de mistérios que se organizam como teologia: são as consequências culturais da invenção de um Deus protetor que infunde e protege do medo. Em consequência, as religiões se plasam como aparelhos de controle social que aderem aos sistemas de poder intemporais, como hoje representam modos medievais, modos mercantis e capitalistas.

## 10 O ESTRANHAMENTO

O conceito de estranhamento apareceu com Hegel e foi explorado por Marx como a perda de identidade por uma interiorização da alienação. É a perda de si próprio que não é substituída pela adesão à dominação. Não há saída passiva do estranhamento, que indica ao revés a pulsão revolucionária. O estranhamento é a separação sofrida por migrantes que perdem raízes e são rejeitados em seus lugares de chegada. É a alienação reconhecida pelos alienados. O estranhamento é a perda de si próprio que não é percebida e tende se agravar pelos processos de rejeição tendentes a gerar soluções precárias que transferem tensões ao conjunto. Na dinâmica da dependência o estranhamento alimenta alternativas políticas autodestrutivas que bloqueiam a reversão do subdesenvolvimento.

O estranhamento se aprofunda com a mobilidade forçada das pessoas, determinada por fatores de rejeição que criam fluxos migratórios. Todos esses processos que se alastraram por pressões políticas desde o século XIX e alimentaram as sociedades de migrantes como os Estados Unidos, o Brasil, a Argentina, construíram uma nova geografia humana, que aprofunda os movimentos básicos de alienação.

O estranhamento se alastra como derivação da intensificação de migrações subalternas incitadas pela colonização recalcitrante; e pelas desigualdades orgânicas dos países

<sup>5</sup> A burguesia arrivista não tem interesse algum em arte, mas compra objetos por prestígio e constrói uma falsa cultura de conveniência que torna comparáveis os burgueses dos diversos países.

periféricos, cujas elites se sentem parte do mundo dominante onde são precariamente aceitos. É um conflito típico do declínio dessa composição imperialista. Na dialética do poder dominante a direita recrudescer em movimentos contraditórios, que opõem nacionalismo a imperialismo, em resistência ao imperialismo expansivo norte-americano. No fundo, é um movimento equivalente ao dos bárbaros pobres que infestaram o Império Romano decadente. Surgem discursos justificativos que sustentam uma obrigação das burguesias centrais a aceitarem migrantes, onde se encontra de fato uma prevalência de fatores expulsivos sobre receptivos. Acumulam-se diferenças entre o estranhamento derivado das primeiras etapas do capitalismo e o que prolifera por efeito de guerras e de opressão interna. É o efeito final de cadeias de contradições que constituem o lado negativo do movimento sistêmico do capitalismo monopolista em sua rejeição de trabalhadores. Torna-se, portanto, necessário reconhecer que o estranhamento é parte essencial dos movimentos humanos sob sistemas que se revelaram ineptos para garantir sua reprodução.

## 11 CONCLUSÕES

A tensão ideológica é parte integrante do jogo de forças em conflito no cenário mundial em uma composição entre a disputa entre poderes hegemônicos e as diferentes escalas de poderes subordinados. Na evolução das lutas de supremacia neste século a manifestação de ideologias como parte do arsenal bélico utilizado pelos sistemas de informações, expõem diferenças entre ideologias como representações de crenças e ideologias como instrumentos de poder, manipulados como controle de massa. Em consequência os processos de alienação, que parecem ser individuais, são, de fato, intermediações do sistema de poder, alimentadas por meios indiretos, cada vez mais eficazes, substituindo manifestações locais por tendências de desnacionalização. A tensão social causada pela alienação se irradia, gera mecanismos de consentimento, legítima na alienação como resposta de necessidades individuais. Trata-se, portanto, de movimentos sistêmicos da esfera imaterial com efeitos concretos na força de trabalho, na estrutura da ocupação.

A desigualdade conduzida pelos sistemas dos imperialismos, que estendem linhas de controle sobre o futuro da economia, inibe alternativas de autonomia econômica e aprofunda antenas de alienação. Sem povo, mais uma vez independência é ideologia de elites recalcitrantes que representam dissidências heroicas. Mas há tendências gerais inescapáveis que impedem que a ideologia seja apenas um jogo formal e que as elites sejam sufocadas ideologicamente e coagidas a formas compulsórias de alienação. Não há revolta sem povo. O imperativo da revolta é um privilégio ao qual poucos têm acesso. As patranhas da linguagem democrática tornam-se linguagem esvaziada do imperialismo frente ao qual é preciso a ideologia representativa do povo. Mas a identidade do povo surge na contradição das elites que não podem ser elites sem povo. O povo pode viver sem elites, mas as elites não existem sem povo.

A crítica da alienação submersa nos modos culturais asseptizados da burguesia implica em uma crítica das teorias da linguagem que se limitam aos aspectos externos e ignoram

<sup>6</sup> Como entre Bismarck e Nietzsche, ou entre Mussolini e Mosca, ou entre Francisco de Campos e o Estado Novo.

seu significado substantivo, que é dado por seu fundo cultural. A crítica da linguagem revela a manipulação cultural subjacente nas formas culturais do capitalismo.

---

#### REFERÊNCIAS

---

- ALTHUSSER, Louis. **Du contenu em Hegel**. Écrits. Paris: Maspero, 1957.
- LACKBURN, Robin (org.) **Ideologia na ciência social**. São Paulo: Paz e Terra, 1982.
- EAGLETON, Terry. **Ideologia**. São Paulo: Boitempo, 1997.
- ENRIQUEZ, Eugène. **Da horda ao Estado**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983.
- JUNG, C. G. **Basic writings**. New York: Modern Library, 1959.
- ROUANET, Sergio Paulo. **Teoria crítica e psicanálise**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.